

Exemplos de dívida convertida

Eric N. Berg
Do N. Y. Times

NOVA YORK — Quando a Nissan Motor quis expandir recentemente sua subsidiária mexicana, adotou um caminho bastante incomum. Primeiro, procurou o mercado financeiro e comprou US\$ 60 milhões em dívidas do governo mexicano. Como o país está passando por dificuldades, a empresa japonesa pagou apenas US\$ 40 milhões. Depois, revendeu essa dívida ao Banco Central mexicano por US\$ 54 milhões, convertidos em pesos e que foram imediatamente investimentos na subsidiária mexicana.

Resultado: cerca de US\$ 60 milhões da dívida governamental do México foram eliminados. A Nissan aumentou sua produção nesse país e o Citicorp, que agencia os investimentos, embolsou uma taxa apreciável.

Aproximadamente na mesma época, o Bankers Trust participou de um acordo semelhante, utilizando seus próprios recursos — e não os de uma multinacional — para transformar um empréstimo de US\$ 60 milhões ao governo chileno em uma participação de 51% num fundo de pensão no Chile e numa participação de 97% numa empresa de seguros no mesmo país. São apenas dois exemplos nos quais países em desenvolvimento, operando com banqueiros estrangeiros, encontraram uma nova maneira de eliminar suas enormes dívidas, ao mesmo tempo em que incentivam investimentos em suas empresas privadas.

Vários países latino-americanos mostraram-se dispostos a saldar parte da dívida — por um valor quase equivalente ao valor de face dos títulos — desde que os recursos sejam posteriormente reinvestidos em empresas locais. Na verdade, estão facilitando a troca da dívida por ações. Em alguns casos, como no do Bankers Trust, os próprios bancos mostraram-se dispostos a assumir e possuir participações em empresas estrangeiras. No caso da Nissan, os bancos foram capazes de encontrar terceiros interessados, tipicamente empresas multinacionais propensas a expandir suas operações externas, de modo a utilizar os fundos comprometidos no país.

A abordagem não parece oferecer uma solução completa para os problemas da dívida do Terceiro Mundo, pois são excessivos os limites implícitos nessa possibilidade. Primeiro, porque a maioria dos países em desenvolvimento não se encontra em condições de poder saldar toda a dívida de uma só vez. Além disso, muitos têm se mostrado pouco dispostos a permitir um amplo controle de suas empresas nacionais por estrangeiros, embora relaxem tais restrições para que a conversão funcione. Mesmo assim, a prática tem florescido. Nos últimos anos, o México conseguiu, em 23 operações, eliminar US\$ 300 milhões de sua dívida, cujo total é de US\$ 97,3 bilhões. O Chile, que tem uma dívida externa de US\$ 21,5 bilhões, eliminou US\$ 280 milhões através de 26 acordos. Os especialistas calculam que o México será capaz de converter mais de US\$ 10 bilhões de sua dívida externa em ações no decorrer da próxima década. Nos próximos 12 meses, mais US\$ 1,2 bilhão poderão ser eliminados, recorrendo-se a essa nova abordagem, enquanto o Chile talvez alcance algo em torno de US\$ 900 milhões, no mesmo período.

Excetuando-se o Chile, na maioria dos países as leis sobre a conversão de dívida em ações são vagas, quando existem. E muito depende da filosofia fiscal adotada pelos bancos centrais dos diferentes países. No México, onde a lei está se desenvolvendo, os bancos ou empresas estrangeiras não podem possuir mais de 50% de uma companhia local.